

DO JONGO AO HIP-HOP: DESCONSTRUINDO A HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO EM SALA DE AULA

Dislane Zerbinatti Moraes
Denis Aparecido Mendes de Oliveira

Num certo sentido, pode-se, certamente, dizer que toda escola contém ao mesmo tempo o mosteiro e a cidadela. (Jean-Claude Forquin, 1993, p. 169).

INTRODUÇÃO

A epígrafe tão imagética cotejada de reflexões de Jean-Claude Forquin, teórico das ciências da educação, apresenta-se como uma inspiração para a explicação do projeto de ensino aqui relatado e uma síntese de nossas preocupações quanto às relações sempre tensionadas entre a cultura escolar e a cultura da vida cotidiana dos estudantes. Essas culturas estão de múltiplas formas dispostas nas práticas curriculares das instituições de ensino. Ao mencionarmos a “cultura escolar” remetemo-nos ao conjunto de conhecimentos tradicionais, legados da produção humana, os quais foram fixados, selecionados historicamente e se constituíram como universalmente relevantes para a formação de novas gerações, portanto são os conteúdos normatizados. Como sugere Forquin ensina-se “menos a cultura, mas a parte idealizada da cultura, a sua versão autorizada” (1993, p. 16). Mas como não levar em conta as demandas culturais e sociais, o universo de representações, questões e vivências, que serão as bases subjetivas de interpretação sobre a quais os estudantes constroem os conhecimentos? Parece-nos fundamental para o processo de apropriação, ampliação e produção de conhecimentos a incorporação nas propostas curriculares de elementos das culturas presentes no cotidiano escolar. A educação tenderia a assumir novos valores fundamentados em sua pertinência social; se fortaleceria a identificação entre parcelas da sociedade.

Como se pode observar dessa breve descrição da problemática acerca das culturas nas escolas, as disputas, polaridades e argumentos em torno do “fracasso escolar” levam a um relativismo infinito de razões e objetivos, muitas vezes contraditórios, proferidos pelos atores da cena pedagógica: professores, pedagogos, sociólogos e historiadores da educação. Adotamos aqui, de modo a enfrentar os impasses nas propostas curriculares, uma concepção de educação que pretende iniciar o estudante em “certo número de elementos da cultura a fim de que ele deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles” (FORQUIN, 1993, p. 168). Esperamos que com essa reflexão possamos justificar a pertinência de pensarmos nas *cidadelas* de reivindicações de reconhecimento da memória e história de grupos excluídos ou em situação de marginalidade na hierarquia social e no acervo de conhecimentos depositados nos *mosteiros* das ciências, das artes e humanidades. São nesses espaços distintos e relacionados de produção de saberes que atuamos na docência, como mediadores culturais.

Assim, nesse texto apresentamos reflexões sobre a formação de professores de História e os desafios curriculares postos na escola contemporânea. Nossa ponto de partida circunscreveu-se em discussões sobre a interculturalidade e as tensões entre representações sociais, valores e modos de ser, pensar e sentir heterogêneos no meio escolar. A perspectiva intercultural em educação põe em destaque os “novos grupos sociais” que ascendem às escolas e busca dar-lhes iguais possibilidades de apropriação de conhecimentos que os filhos das camadas sociais com capital cultural escolar acumulado e incorporado usualmente conseguem realizar (BOURDIEU; PASSERON, 1992). A proposta educacional que defende o multiculturalismo, a interculturalidade e o pluralismo cultural objetiva superar os constrangimentos sociopolíticos existentes tanto nas relações sociais mais

amplas e suas consequências nas relações pessoais e processos de aprendizagem na escola. Trata-se de:

Gerir a diferença... geralmente entendido como promover a igualdade entre, a integração de, pessoas tendo em conta as suas diferenças étnico-raciais, de classe social, de gênero, de opção de identidade sexual, de educação, de valores, ou outras, num mesmo território e em presença de uma cultura dominante e de atitudes culturais hegemônicas que estabelecem e perpetuam relações de poder e que negam a certos grupos os seus próprios recursos simbólicos. (MORGADO; PIRES, 2010, p. 62).

Nesse sentido, o projeto didático se inscreveu na proposta geral do subprojeto do PIBID USP de discutir e produzir intervenções pedagógicas e didáticas referentes ao ensino de História sobre temáticas de diversidades étnicas, sociais e culturais, com o intuito de proporcionar aos bolsistas perspectivas de ensino que levem em conta o contexto social e cultural dos alunos. Problematizações relativas às culturas das escolas bem como os diálogos com os conteúdos dos currículos regulares foram constantes nas interações entre o supervisor, coordenação e estudantes bolsistas em formação.

Originou-se, ainda, no processo de aproximação por parte dos bolsistas às escolas. Esses foram conhecendo as práticas dos professores supervisores, o ambiente escolar e os estudantes com os quais seriam realizadas intervenções pedagógicas. A ideia de propor aos alunos um trabalho envolvendo a intersecção entre o Jongo e o Hip-hop se deu a partir do envolvimento dos bolsistas com pesquisas sobre o Jongo e sobre poesia; do professor supervisor com a linguagem da música e dos alunos com o Hip-hop.¹

A iniciativa contou com a participação das turmas de 2º Ano do Ensino Médio de uma escola da periferia de Santo André - SP, subdistrito de Utinga, a Escola Estadual Padre Aristides Greve. A instituição de ensino atende a 40 turmas, entre Ensino Fundamental II e Ensino Médio, totalizando cerca de 1300 alunos para 60 professores. Situa-se em bairro de economia baseada em comércio, onde vivem cerca de 70% dos alunos, os outros 30% vem de localidades próximas. Do ponto de vista socioeconômico, parte considerável dos atendimentos é de alunos vindos de famílias de baixa renda, tendo limitadas opções de convivência para além da escola. A escola conta com dois laboratórios de ciências e um de informática, duas salas de multimídia, dois teatros, biblioteca, refeitório e quadra, bem como recursos eletrônicos multimídia. Porém o acesso a esses equipamentos é intermitente, não havendo uma prática institucionalizada de utilização plena dos recursos disponíveis. Muitas vezes os professores trazem seus próprios *notebooks* e outros materiais pedagógicos para a sala de aula.

Adotou-se o modelo da Aula-Oficina, conforme proposta de Isabel Barca. O professor supervisor e os bolsistas assumiram a posição de investigadores do mundo conceitual de seus alunos, não para classificá-lo como sendo completo ou incompleto. De outra forma, essa compreensão das ideias prévias e conceitos históricos construídos pelos alunos têm como objetivo “ajudar a modificar positivamente a conceitualização dos alunos”. Nesse sentido as atividades propostas buscam a diversificação e o desafio intelectual por parte dos estudantes. (BARCA, 2004, p. 1).

Realizamos oficinas sobre a cultura afrodescendente do Jongo, contrastando-a com manifestações da cultura Hip-hop contemporânea; trazendo à tona o caráter de resistência ao racismo e à exclusão social constantes em ambas as manifestações culturais. A proposta desmembrou-se em vários momentos durante o ano de 2014 consistindo em atividades de análise de

¹ Agradecemos e partilhamos essas reflexões com os bolsistas participantes do Projeto *O Jongo e o Hip-hop: Memória, cultura e resistência negra do Império à contemporaneidade*: Fábio Ferreira de Jesus e Ricardo Ribeiro Tanuri e o professor colaborador, Prof. Dr. Fernando Henrique Tisque dos Santos. Esse trabalho foi apresentado no *IX Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História-IV Encontro Internacional do Ensino de História*, em Belo Horizonte, UFMG, 18 a 21 de abril de 2015.

fotografias de Marc Ferrez sobre o trabalho nas fazendas de café, fruição de um vídeo com depoimentos e cenas de artistas do Jongo; oficinas de dança, música, poesia, produção escrita, oficina de *rap* com o *rapper* Lucas Inverso e visita com participação dos estudantes da escola em roda de Jongo do Grupo “Comunidade Jongo de Embu das Artes” (TANURI; JESUS; OLIVEIRA, 2015).

Especialmente a aula sobre as fotografias de Marc Ferrez retratando o trabalho de negros em condição de escravidão estimulou os alunos a descreverem e problematizarem as situações em que estavam sendo retratadas pelo fotógrafo. Foram tratados os assuntos relativos ao lugar social do produtor das fotografias e aspectos do contexto histórico sobre a produção cafeeira no Vale do Paraíba em São Paulo a partir de questões e observações realizadas pelos alunos. Discutiu-se o sentido da naturalização do trabalho escravo presente nas fotografias em contraposição ao surgimento do Jongo nessa região como forma de resistência à escravidão.

Interagindo com o estudo e compreensão das culturas do Jongo e do Hip-hop, ambos inseridos em seus respectivos contextos históricos, esperou-se que os alunos produzissem músicas, poesias e danças e as apresentassem para o restante da escola. Um dos principais sentidos do trabalho foi o de aproximar os jovens de temáticas e conteúdos culturais que remontam realidades históricas singulares, em suas rupturas e continuidades, temporalidades e contextos distintos, com suas manifestações de afirmação e silenciamento.

O cumprimento da Lei 10.639/03 que estabelece obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileiras, ressaltando a participação das populações afrodescendentes na formação da sociedade brasileira na condição de sujeitos históricos, foi outro elemento motivador para a aplicação do projeto didático. A Lei 10.639/03 é uma consequência direta da luta pela inclusão e reconhecimento da importância das culturas afrodescendentes na constituição da sociedade brasileira. Esse projeto atende a essas determinações na medida em que engloba a temática do escravismo a partir da perspectiva das populações negras, ressaltando a participação destas no processo histórico (ALBERTI, 2013). As populações escravizadas se constituem em sujeitos sociais capazes de serem agentes de resistência à condição em que se encontravam no caso do contexto de criação artística do Jongo, e se posicionam de maneira semelhante em nossos dias, no caso da cultura do Hip-hop.

PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA DO PROJETO

Nos últimos trinta anos houve uma mudança no foco de estudos sobre a escravidão. Enquanto nos anos de 1970 os estudos procuravam o sentido da escravidão no contexto do desenvolvimento do capitalismo internacional, por meio de grandes análises macroeconômicas, nos anos de 1980 passou-se a investigar a dinâmica interna da sociedade brasileira, trazendo críticas à produção historiográfica e sociológica anterior e chamando a atenção para os processos internos de reação ao sistema colonial. Iniciou-se a revisão do papel histórico desempenhado pelos sujeitos escravizados e a situá-los como agentes do processo de formação da sociedade brasileira. As novas pesquisas trataram de conjunturas diversas, organização do trabalho e da vida dos escravizados, constituição e quebra de famílias de negros, gestação de culturas negras, o liberto no mundo escravista e o destino dessas populações após a abolição do sistema. (MACHADO, 1988).

Tomando a história a contrapelo, pensando em vozes silenciadas, abordou-se a temática da resistência e combate ao escravismo e à discriminação e exclusão social pela ótica daqueles sujeitos submetidos à escravidão e à exclusão; tal abordagem se mostra importante para a participação efetiva das populações, e para gerar consciência sobre a importância histórica das populações negras e de suas lutas. A perspectiva historiográfica assumida no projeto, portanto, voltou-se ao estudo dos movimentos de resistência à escravidão no século XIX e dos problemas enfrentados pelos ex-escravizados e seus descendentes no pós-abolição. O estudo do Jongo – que preserva até os dias atuais “pontos”, como são chamados os versos cantados e cifrados em meio às rodas de

dança, permitiu estabelecer linhas de contato com a cultura Hip-hop, a qual os alunos estão familiarizados.

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) declarou, em 15 de dezembro de 2005, o “Jongo do Sudeste” como Patrimônio Imaterial do Brasil. O termo “Jongo do Sudeste” abrange diversos grupos, urbanos e rurais, que praticam a dança tradicional afrobrasileira, também chamada de Caxambú. Tem sua origem no século XIX, nos grandes cafezais do Vale do Paraíba, onde era praticada pelos escravos trazidos da região da atual Angola. Fazendo parte das chamadas danças de umbigada, o jongo é dançado ao som de três tambores, chamados Caxambú, Tambu e Candongueiro, feitos a partir de troncos de árvores e couro. Estes tambores são considerados sagrados, pois representam o homem no tronco e a presença dos ancestrais dos jongueiros.

O jongo é uma forma de os africanos escravizados expressarem sua cultura, religiosidade e sua visão de mundo, além de ser uma modalidade de resistência à escravidão, à exclusão e ao abandono social das populações negras após a abolição. Nos momentos de festas religiosas os jongueiros criavam versos tratando do cotidiano de trabalho nas plantações, seus anseios e se comunicavam com grupos de escravos de outras fazendas, driblando o controle dos fazendeiros (ABREU; MATTOS, 2013). Por essas características, o Jongo se aproxima do Hip-hop contemporâneo, sendo entendido como uma forma de expressão cultural, resistência e luta social das populações negras de periferia.

A cultura Hip-hop surgiu na década de 1970 nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque e espalhou-se pelo mundo. O Hip-hop é composto por quatro elementos: o rap, o DJing, o break e a arte do grafite. O Hip-hop é uma estética de reinterpretação de experiências sociais urbanas e rurais, dando continuidade a uma história de lutas por pertencimento social e combate à discriminação étnico-racial (FERREIRA, 2012).

A POESIA, A MÚSICA E DANÇA DE ORIGEM AFRO-BRASILEIRA NO PROJETO DIDÁTICO

Do ponto de vista didático-metodológico verificamos, através da proposta em si, uma intervenção direta no cotidiano escolar na medida em que as atividades propostas se inseriram na realidade cultural imediata dos alunos. Por meio das interpretações de letras de pontos de jongo do século XIX preservados pela tradição oral e registrados por Stanley Stein no início do século XX, foram apresentadas aos alunos questões tais como o trabalho escravo nas fazendas de café do vale do Paraíba, as relações entre senhores e escravos, a religiosidade africana, a gestação de uma cultura dos escravizados, entre outros aspectos dessa realidade, todos compreendidos pela perspectiva dos próprios escravos, o que raramente é incluído no currículo disciplinar tradicional.

Além disso, foram trazidas à sala de aula músicas da cultura Hip-hop contemporânea e, a partir delas, levantamos as questões acerca da exclusão social das populações negras no Brasil, da vida e da cultura das periferias urbanas e da resistência diante dessas condições. O projeto também contou com oficinas de dança e de produção de música nos moldes do Jongo e do Hip-hop.

Figura 1. Oficina de produção musical e poética, na linguagem do Hip Hop. Ao centro o Prof. Denis A. Mendes de Oliveira com os estudantes e bolsistas



A visita ao espaço de encontro do grupo “Comunidade Jongo Embu das Artes” permitiu que os estudantes vivenciassem uma tradição viva, uma cultura tradicional que tem seu lugar no presente. É uma prática que interage e se atualiza entre as comunidades de origem negra, recebendo novos sentidos. Durante a oficina de Jongo, em Embu das Artes, a mestra diretora do grupo explicou diretamente aos estudantes as mudanças na forma de simbolizar entre os escravizados e a difusão da cultura do Jongo entre negros e brancos na atualidade. Os estudantes tiveram a oportunidade de compartilharem a dança e as canções. Não foram apenas assistentes, cantaram os “pontos” criados por eles na escola especialmente para a visita, aprenderam e participaram ativamente da roda de Jongo.

Figura 2. Encontro com o Grupo Comunidade Jongo Embu das Artes: Dançarino do grupo de Jongo dançando com estudante da EE Aristides Greve



Durante os encontros na escola as turmas responderam positivamente e ativamente em todas as atividades propostas. Gostaríamos de mostrar as produções dos grupos de alunos participantes, cuja riqueza social e estética se encontra no cerne de aprendizagens das personagens envolvidas, tanto do professor supervisor, quanto dos universitários bolsistas e dos estudantes da escola estadual. O material consiste na escrita poética produzida pelos alunos em sala de aula ou nos encontros extra-aula que realizamos. Observou-se o envolvimento efetivo com o Jongo e as danças de *break* ou do próprio *rap*, que é mais próximo dos alunos e que foi fortalecido com o encontro específico com o rapper Lucas Inverso (Letras de rap: Fig. 3, 4 e 5).

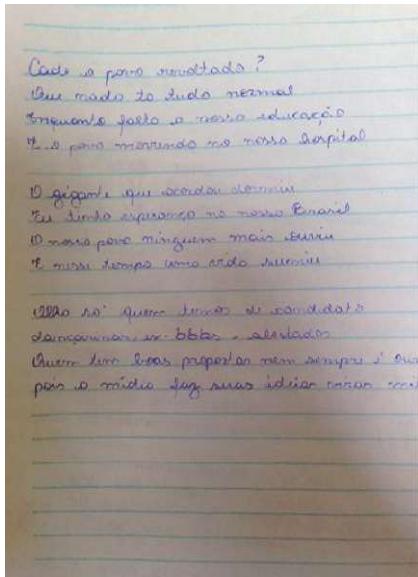


Figura 3. Acervo Prof. Denis

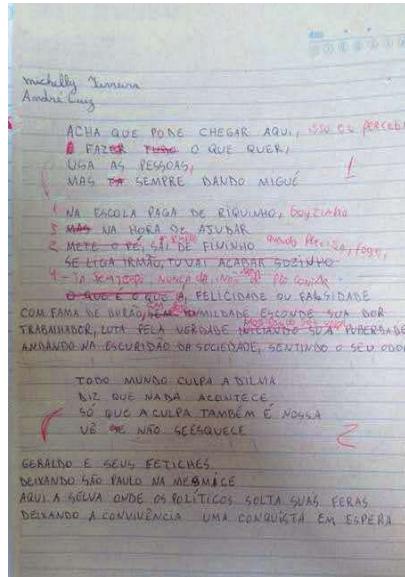


Figura 4. Acervo Prof. Denis

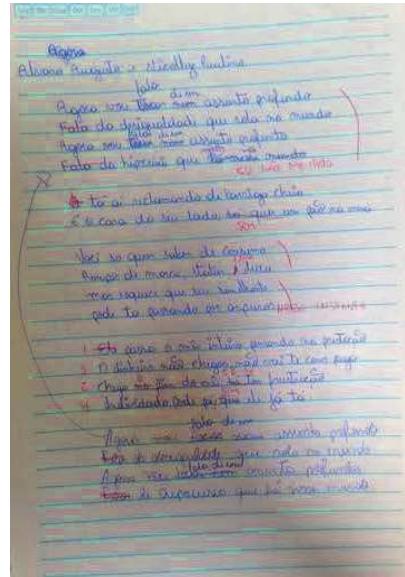


Figura 5. Acervo Prof. Denis

Os textos acima reproduzidos foram selecionados por exemplificarem um instante decisivo de apropriação individual e coletiva do tema da desigualdade social por meio da linguagem do *rap*. Por esse motivo, foram mantidos os rabiscos, as correções de rumo, a reelaboração da escrita, nas quais os autores-alunos sublinham, por um lado, as práticas políticas de exclusão social e, por outro, a ausência de consciência de parte população. Os textos procuram mover para a ação, constituindo uma retórica de intervenção social.

Outro aspecto a sublinhar, a partir dos trabalhos poéticos dos alunos, é o expressivo aproveitamento das estruturas de escrita próprias do Jongo e do Hip-hop. O conteúdo das letras produzidas revela a aprendizagem das relações sociais características do sistema escravista assim como as percepções sobre as temporalidades, ao aproximarem valores, questões e problemas sociais do passado e do presente. Alguns exemplos de letras de Jongo produzidas pelos alunos.

"Ôô a dor que o nego passou
imbauba era corone
hoje é governador". Mike (2D).

"Quem tá de fora não "sabe"
e quem tá dentro não vê
Quem tá de fora não age
e quem tá dentro nem quer saber".
Mike e Brennon (2D).

"Rainha do mel se aposa sem pensar,
Enquanto a operária continua a trabalhar"
Henrique, Alvaro, Lucas, Barauna e
Giovanna (2A).

"Escondendo mel das operárias
A abelha rainha está a enganar".
Henrique (2º A).

A visita ao Grupo de Jongo de Embu das Artes foi filmada e posteriormente realizou-se um documentário, dirigido pelo bolsista e fotógrafo Fábio Ferreira de Jesus, descrevendo e a interação dos alunos com os membros do Grupo¹. Algumas reflexões dos estudantes merecem ser registradas aqui: Mike, um dos alunos mais participativos no projeto opinou: “Olhar essa capela, perceber de perto que ela já existia há muito tempo, é maravilhoso!”. Outro estudante analisou: “A roda está presente no *jongo*, no *break* e aqui na escola, como um símbolo de solidariedade” (adaptado). Houve também referências à extensão e impacto da atividade para a comunidade local, com relatos de que ex-alunos manifestaram o desejo de retornar às aulas quando tiveram notícia de que havia projetos muito relevantes sendo praticados. É importante ressaltar que as oficinas de Jongo, de poesia e de música permitiram o contato dos estudantes com realidades para além dos contextos da própria periferia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do trabalho realizado muito se pode esperar no longo prazo: que os estudantes desenvolvam, mediante o contato com as pesquisas e oficinas, conhecimentos e consciência histórica que possam depois ser aproveitados para aprofundar a discussão da questão étnica no Brasil, de suas origens até suas repercussões atuais. Consideramos importante que os estudantes tenham essa base histórica para que possam compreender o racismo, as causas da marginalização das populações negras e as lutas políticas e sociais que empreendem contra isso.

O grupo de bolsistas se ocupou da leitura de estudos a respeito do Jongo, de questões sobre processos didático-metodológicos e acerca de questões étnicas no Brasil, de modo que se pudesse ter um melhor aproveitamento dos encontros e para que fosse possível instruir adequadamente os estudantes que os utilizaram no projeto.

Visitas de reconhecimento realizadas pelos bolsistas e a experiência do professor supervisor nos indicaram se tratarem de turmas das quais se podia esperar bons resultados na realização do projeto, dado serem participativas e terem respondido bem à presença dos bolsistas. Esperou-se que, por ocasião da aplicação, fosse possível gerar para os alunos os desenvolvimentos descritos anteriormente e pelo intuito do subprojeto no PIBID, proporcionar aos bolsistas situações formativas de práticas didático-pedagógicas, perspectivas críticas de ensino de História que problematizassem questões atuais e relevantes para a construção de espírito de cidadania e respeito às diversidades.

Os resultados na aprendizagem do conhecimento histórico, na quebra de paradigmas quanto ao racismo e de atribuição de importância à resistência, foram expressivos. Nas falas dos discentes observou-se resultados significativos, sendo que os estudante construíram análises críticas e históricas. O aluno Mike Jonathan do 2º ano D antes de embarcarmos para o passeio em Embu nos contou “*Eu estava bravo, queria cuspir aquilo que estava no meu peito e essa revolta me trouxe a vontade de escrever um jongo, pedi pro meu amigo a caneta, o papel e comecei escrever*”. Essa relação entre a “revolta”, como sentimento subjetivo, e a vontade de expressar-se por meio de uma nova linguagem recém-conhecida, o Jongo, revela compreensões e apropriações de atitudes e instrumentos de resistência que por sua vez estavam sendo analisados sob a perspectiva das culturas negras e do escravismo no Brasil. É possível afirmar que se tratou, nesse processo didático, da formação de estudantes estimulados, atuantes, protagonistas da sua própria história e produção cultural.

¹ O vídeo arte/documentário, de autoria de do bolsista Fábio Ferreira de Jesus, registrando a roda de Jongo em Embu das Artes, com participação e depoimentos de estudantes, pode ser visto no link https://www.youtube.com/watch?v=_06jGU9apjM

REFERÊNCIAS

- ABREU, M.; MATTOS, H. Jongo, recalling history. In. MONTEIRO, P. M.; STONE, M. (Org.). **Cangomacalling: spirits and rhythms of freedom in Brazilian Jongo Slavery Songs.** [S. l.]:The Authors, 2013.
- ALBERTI, V. Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira. In. PEREIRA, A. A.; MONTEIRO, A. M. (Org.). **Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas.** Rio de Janeiro: Palas, 2013. p. 27-55.
- BARCA, I. Aula oficina: do projeto à avaliação. In. JORNADA DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA. para uma educação de qualidade, 4. 2004, Braga. **Atas da...** Braga: Centro de Investigação em Educação: Instituto de Educação e Psicologia: Universidade do Minho, 2004. p. 131-144.
- BOUDIEU, P. PASSERON, J. C. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1992.
- MACHADO, M. H. P. T. Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 16. p. 143-160, mar./ago. 1988.
- FERREIRA, M. S. **A rima na escola, o verso na história.** São Paulo: Boitempo, 2012.
- FORQUIN, J.-C. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- MORGADO, M.; PIRES, M. N. **Educação intercultural e literatura infantil:** vivemos num mundo sem esconderijos. Lisboa: Colibri, 2010.
- TANURI, R. R.; JESUS, F. F.; OLIVEIRA, D. A. M. de. O jongo e o Hip-Hop: memória, cultura e resistência negra do Império à contemporaneidade. In: ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA, 9., 2015 [e] ENCONTRO INTERNACIONAL DO ENSINO DE HISTÓRIA. Questões socialmente Vivas, 4., 2015. **Caderno de programação e resumos do...** Belo Horizonte: UFMG, 2015. p. 39-41.